

DUALISMO DE PAPÉIS DA MULHER MODERNA E A NOVA IMAGEM FEMININA CRIADA PELA TELENOVELA BRASILEIRA

Maria de Fátima de Andrade Quintas
Antropóloga

1 – INTRODUÇÃO

Após a Revolução Industrial novos caminhos se abriram para a mulher. A utilização da força bruta masculina foi substituída pelo simples apertar de um botão. A era tecnológica é, sem dúvida, a responsável pelas inúmeras mudanças que se vêm operando na sociedade de hoje. O fenômeno da modernização vem se realizando, abrupta e aceleradamente, sem mesmo se processar uma reinterpretação dos novos valores surgidos no mundo atual. É lógico que esta velocidade de mudanças se concentra com maior força nos países subdesenvolvidos ou em vias de desenvolvimento.

Os países do terceiro mundo recebem dos países cêntricos uma verdadeira avalanche de avanço tecnológico. E não há tempo para um remanejamento dos antigos valores reinantes. Em conseqüência, se opera um dualismo de costumes dentro de uma sociedade que deseja se afirmar como moderna, mas que sofre o conflito cultural dos novos valores recebidos.

Como afirma Alberto Medina o processo de modernização nem sempre traz resultados vantajosos. Principalmente quando ele é exógeno. Sendo pautado em características estranhas à sociedade, a modernização não se opera de maneira globalizante. Provoca mudanças setoriais. Surge uma dicotomia de setores modernos ao lado de setores não modernos. É a coexistência do tradicional-moderno. Esta coexistência de valores antagônicos é, sem dúvida, uma característica do mundo atual. Um mundo conturbado pelo choque da tecnologia.

Nos países em vias de desenvolvimento este abalo da era tecnicista provoca maiores distúrbios. Há uma defasagem ideológica. O tradicional persiste e o moderno se impõe.

O fenômeno de modernização é lançado com tanta rapidez que não chega a sofrer um processo de reinterpretação, enquanto que os valores tradicionais permanecem bem vivos, bem presentes. Não há um amoldamento, um reajustamento. Em vez de um entrelaçamento, observa-se uma dicotomia baseada na ausência de um amalgamento cultural. O moderno foi imposto, copiado dos países industrializados. Não se processou um caminhar lento, gradativo e lógico. Os valores surgem como que revestidos de uma auréola determinante de status. E o indivíduo se inclina a aceitá-los como fator de mobilidade social, de ascensão, de posição privilegiada na sociedade. Repudiá-los significaria marginalizar-se. Resta ao homem moderno dividir os seus papéis e viver numa sociedade que lhe exige uma aceitação ambígua de valores, através de mudanças bruscas e rápidas.

É dentro deste prisma, observando os países subdesenvolvidos e os seus internos conflitos culturais que desejamos orientar o nosso trabalho. Restringimos, entretanto, o nosso tema dando um enfoque especial à situação da mulher moderna no Brasil e, mais detalhadamente, no Nordeste.

2 – ASPECTOS GERAIS DA EMANCIPAÇÃO DA MULHER

Por muito tempo a mulher foi considerada “objeto” do homem. Sua função reduzia-se quase que exclusivamente à reprodução e às tarefas denominadas domésticas. Com o surgimento da civilização tecnológica, a situação da mulher vem sofrendo sérias modificações. Sua força produtiva começa a ser explorada em áreas que anteriormente eram consideradas como de exclusivo acesso masculino. Sem dúvida alguma o fortalecimento de uma mentalidade industrial-urbana vem provocando a emancipação feminina. Entretanto, a luta da mulher por uma igualdade de direitos ainda se encontra em fase inicial. A marcha começou, mas vem se processando lentamente. É bem verdade que nos países desenvolvidos esta equiparação se encontra num estágio mais avançado. Mas, convém ressaltar que estudos realizados sobre a mulher escandinava (considerada como a mais avançada do mundo), acaba por destruir a idéia de uma equiparação completa. Harriell Holter ao expor a condição social da mulher norueguesa, dinamarquesa e sueca esclarece que “ela está envolvida por uma duplicidade de padrões: a ideologia oficial e os padrões da realidade”,³ Legalmente a mulher escandinava está protegida por uma igualdade de direitos. Mas, a “ideologia oficial” não se coaduna com os “padrões da realidade”. Na vida cotidiana verifica-se uma discriminação hierárquica de cargos, de salários e de acesso a determinadas posições.

Observa-se que a problemática da emancipação feminina ainda encontra barreiras, mesmo nos países altamente desenvolvidos. Barreiras estas

possivelmente mais amenizadas do que os obstáculos encontrados nos países não industrializados. Mas, a verdade é que os problemas são similares, sofrendo apenas diferenciações em grau de discriminação.

Nos Estados Unidos, durante e após a última guerra, houve um incremento no trabalho feminino. Este aumento explica-se pelas necessidades criadas pela guerra, ocasionando um efeito compulsivo na força do trabalho feminino. As mulheres sentiam-se levadas a aceitar o trabalho em virtude da ausência de força produtiva masculina, provocada pelo fator guerra. Mas, esta força que impulsionou o trabalho feminino parece ter decrescido quando o país voltou à normalidade. Donde se deduz que a produção da mulher, naquela época, ainda se encontrava num estágio de trabalho-reserva. Com o aceleração do desenvolvimento econômico fez-se acompanhar um crescente aproveitamento da mão-de-obra feminina.

Como frisou João XXIII, a ascensão da mulher aparece como um dos fenômenos marcantes deste século.

O trabalho é uma necessidade vital para a realização humana. Deve satisfazer princípios fundamentais de sua natureza. Trabalhando o homem se dignifica e preenche a sua necessidade de subsistir (aspecto econômico), a sua necessidade de criar (aspecto psicológico) e a sua necessidade de interagir, de conviver (aspecto social). Trabalhar é uma forma de enriquecimento. O desejo de uma realização profissional possui determinantes não somente econômicas, mas fundamentalmente psicológicas.

Historicamente podemos observar que a mulher foi sempre levada a executar tarefas domésticas e, quando chamada a trabalhar fora de casa, os seus cargos eram quase que prolongamento dos afazeres caseiros. Não é sem justificação que profissões como costureira, enfermeira, assistente social, professora primária e outras aparecem como que exclusivas do sexo feminino. Esta tendência em pré-determinar o labor da mulher vai desaparecendo lentamente, embora ainda se encontre muito arraigada na mentalidade masculina. O homem talvez seja o principal responsável pela criação de uma ideologia preconceituosa relativa à mulher. O argumento de que o trabalho feminino provoca a desagregação da família é um exemplo. Entretanto, este exemplo perde sua base de sustentação quando pesquisas realizadas na Dinamarca, onde a taxa de divórcio é excepcionalmente elevada — um casamento em cinco termina em divórcio — “demonstraram que são menos estáveis os casamentos em que as mulheres não trabalham fora de casa”. 28

Outro libelo lançado contra a profissionalização da mulher é a diminuição da natalidade. Na verdade a mulher que trabalha tem menos filho, mas em contrapartida o índice de mortalidade infantil cai nos lares onde a esposa atua como força produtiva, fora de seu ambiente doméstico. Na França foi efetuada pesquisa deste tipo e os resultados são vantajosos em

relação a uma necessidade de maior aperfeiçoamento da mulher na luta contra a mortalidade infantil. Não basta que a mãe permaneça em casa ao lado dos filhos. É necessário que estas mães sejam esclarecidas e tenham condições econômicas de tratar e alimentar cuidadosamente os seus filhos. Na França, como na maioria dos países industrializados, um número grande de creches (com atendimento especializado) vem solucionar, sem dúvida, um dos graves problemas da mulher relativo a sua ausência fora do lar, quando ainda possui crianças em tenra idade.

Em Portugal a situação da mulher parece ainda ser bastante carente. Em recente trabalho realizado por Antonia de Souza, observamos que o baixo nível de salário é o principal responsável pela fixação da mulher ao lar. Este fato pode ser explicado pela falta de especialização encontrada na mão-de-obra feminina. Acresce que ao lado disto surge uma discriminação salarial bastante grande. A mulher mesmo exercendo tarefas idênticas ao homem, percebe um ordenado inferior. Houve, inclusive, no decênio de 1950-60 uma política de regresso da mulher ao lar.

Dos anos que vivi em Lisboa pude observar que a mulher portuguesa é essencialmente doméstica e que somente nestes últimos 3-4 anos vem ela lutando por grandes reivindicações. Os baixos níveis salariais femininos não só distanciam a mulher do trabalho profissional como também incitam o homem a emigrar. O fenômeno da emigração portuguesa atingiu números significantes. Inicialmente o homem emigrava, deixando esposa e filhos na sua terra natal. Hoje observa-se fato diverso. A própria mulher mais cônica de seus direitos também emigra, na tentativa de uma vida melhor. Vale ressaltar aqui, entretanto, que na França, na Alemanha e na Inglaterra (países onde atualmente a emigração portuguesa vem se efetuando mais largamente), as tarefas mais domésticas são realizadas justamente por esta mão-de-obra excedente portuguesa. Tive a surpresa de observar quando de minha estada na França, que as camareiras, garçonetes, faxineiras eram portuguesas. Donde se conclui que o nível de qualificação da mulher francesa é superior, relegando os trabalhos de extensão doméstica a uma mão-de-obra externa não aperfeiçoada. Atualmente o governo português vem estabelecendo uma política antiemigratória.

Como diz Simone de Beauvoir, a luta da mulher é uma luta de promoção de objeto a sujeito. A libertação de um estereótipo (feminilidade, papel da mulher) é resultante de uma tomada de consciência de uma realidade individual. Ultrapassando as barreiras da tradição a mulher exige da sociedade uma transformação. É preciso ajustar o seu comportamento a novos modos de vida. Faz-se urgente uma redefinição dos valores tradicionais femininos. O mundo evoluiu, a era da ciência tecnológica exige uma tomada de posição da mulher. Não basta aquela simples fêmea da Pré-História. O homem atravessou a sua simples condição de macho. A mulher conscientizou-se para além de fêmea. Neste mundo de solicitações imensas, não cabe à mulher

marginalizar-se, permanecendo a distância, revestida de uma auréola mística. Continuar a olhar as coisas através da janela, como uma Carolina, de Chico Buarque. O século XX exige da mulher uma resposta coerente aos seus estímulos. E, ela, na sua caminhada a uma igualdade de direitos, vai lentamente tentando um lugar ao sol no mundo atual. Um lugar de mulher consciente, integrada, participante. Uma luta por tornar-se ser e não simplesmente nascer mulher. 2

3 – MERCADO DE TRABALHO PARA A MULHER NO BRASIL

Nos últimos anos têm sido inúmeros os autores que se voltam para o problema da mulher. Este fenômeno ocorre não somente no Brasil, mas em todos os lugares do mundo. No Brasil têm surgido estudos insistentes desde 1969-70. Na verdade a abordagem por uma igualdade feminina não é fato tão recente. O grande teatrólogo Ibsen no século passado lançou uma peça (*A casa de Bonecas*), onde o problema é tocado de maneira objetiva. A figura de Nora e o desfecho da peça denotam a importância da individualidade da mulher, e a sua necessidade de existir como pessoa. Ao lado de um Ibsen temos, também, um Shaw, um Bocaccio e até mesmo um Platão em cujas obras "*A República*" e as "*Leis*", já encontramos praticamente todos os argumentos e toda a filosofia do feminismo moderno.

Segundo Vamberto Morais a situação de desiguais direitos em que se encontra o sexo feminino em relação ao masculino, é originária de um reflexo da civilização grega. 17 A mulher ateniense não tinha uma vida social equiparada ao homem. Mantinha-se sempre numa situação de inferioridade, e pouco participava da vida do marido. Assim a cultura ocidental, muito espelhada na sábia Grécia, teria herdado esse traço social de tão grande importância para a vida futura da mulher.

No Brasil, como em vários países, a posição da mulher em relação ao trabalho profissional não se encontra em pé de igualdade com a situação masculina. Ela sofre discriminação salarial e é bloqueada para o exercício de determinadas carreiras.

Nos países subdesenvolvidos observa-se um desequilíbrio entre a oferta e a procura no campo ocupacional. A estrutura de mercado de trabalho oferece poucos lugares a tarefas remuneradas. E a mulher é mantida numa condição desigual a fim de evitar a concorrência de um mercado já saturado. Daí a parcela feminina ser considerada excedente. É natural que a estrutura ocupacional de um país não industrializado não ofereça uma harmonia entre a demanda e a oferta. E esta defasagem vai se refletir justamente no sexo feminino, em virtude de todo um "background" cultural carregado de influências patriarcais e coloniais relativas à posição da mulher.

Existem atualmente no Brasil 6 milhões de mulheres economicamente

ativas. * Assim, a quinta parte da força de trabalho empregada é formada pelo braço feminino. Do total das mulheres empregadas 21% estão em atividades primárias; 10% em atividades industriais e 69% em atividades terciárias.³ O fenômeno de urbanização é, sem dúvida, o responsável por esta debandada do setor agrícola para o terciário.

De acordo com pesquisas realizadas no Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais²² são fatores econômicos os principais responsáveis pela procura de emprego da mulher da classe baixa (no Nordeste brasileiro). O nível salarial reduzido do marido ocasiona a necessidade de um acréscimo na renda familiar. E, então, a mulher sai em busca de trabalho fora do âmbito doméstico. Nas classes intermediárias o trabalho profissional parece pesar como um castigo. E tão logo a mulher contraia matrimônio, o seu primeiro impulso é de deixar o emprego. Somente nas classes altas o fenômeno de consciência individual, de realização pessoal, através de um trabalho profissional aparece como fator preponderante. Donde se conclui que a mulher nordestina brasileira, de um modo geral, ainda reage a uma ativa participação no mercado de trabalho. Esta reação da mulher à vida profissional se justifica por uma série de fatores desvantajosos. Existe, ainda, no Nordeste, uma discriminação salarial de sexo. Isto se explica pela ausência de qualificação de mão-de-obra feminina. Realmente numa economia tradicionalmente agrária e em alguns aspectos escravista, como é ainda a nossa, a cana-de-açúcar tem um papel verdadeiramente monopolizador. O êxodo para a cidade representa exatamente o excedente do setor primário que em busca de uma vida melhor foge para a zona urbana. Tal fenômeno concorre para o aumento do volume de uma mão-de-obra marginalizada ou simplesmente em regime de subemprego. Resultados de pesquisas realizadas mostram que o maior fluxo migratório para o Recife tem o seu ponto de partida na zona da mata. E esta mão-de-obra não qualificada é lançada às inúmeras solicitações da cidade, sem dela, entretanto, poder participar economicamente.

Numa visão geral "o engajamento da mulher brasileira na força de trabalho demonstra ainda uma participação global reduzida, disparidades regionais acentuadas e características distintas de participação, de acordo com o grau de desenvolvimento das regiões".²⁵

É sem dúvida, o Nordeste, a região brasileira que apresenta maiores contrastes. E dentro destas defasagens, a posição da mulher se encontra longe de uma igualdade sexual de direitos e deveres. Talvez a sua carga de deveres pese de forma muito mais relevante. E assim encontramos uma sociedade em transição, cheia de conflitos e contradições que irremediavelmente se refletem na marcha da emancipação feminina.

* Dados calculados pelo censo de 1970 para a população com mais de 15 anos de idade.

4 – DUALIDADE BÁSICA DE PAPÉIS DA MULHER MODERNA NORDESTINA

Historicamente, a formação social nordestina acha-se muito ligada a um passado colonial-escravista. O mestre Gilberto Freyre nos apresenta páginas deslumbrantes da influência do negro na vida brasileira do século passado. O eminente sociólogo-antropólogo estudou detalhadamente a sociedade patriarcal da cana-de-açúcar, apresentando um retrato fiel da família colonial.

Sem dúvida alguma a contribuição social de um regime escravista iria provocar marcas preponderantes na formação da família brasileira nordestina. A abolição da escravatura, a substituição do trabalho escravo por imigrantes europeus, os primórdios da industrialização, geraram um processo de urbanização e cederam lugar à família semipatriarcal.

Com o aparecimento de uma nova mentalidade urbano-industrial os choques culturais de um Brasil tradicional-moderno se manifestaram. É neste enfoque, de coexistência de padrões tradicionais, ao lado de um processo rápido de modernização que orientaremos o nosso trabalho. O nosso objetivo, entretanto, se restringe à dualidade de padrões reinantes na posição da mulher atual. As sombras de um passado colonial ainda permanecem bem marcadas no Nordeste. Mesmo no Nordeste de hoje, onde a mulher luta por uma igualdade de direitos, vamos verificar uma ausência de reinterpretação dos antigos papéis femininos. Será que, paradoxalmente, a participação da mulher no mercado de trabalho constitui um fator negativo na emancipação da mulher?

É importante saber se a sua nova inserção no mundo do trabalho provocou mudanças sócio-psicológicas significativas, no tocante à sua independência e descoberta de individualidade. A era tecnicista exige da mulher novas redefinições. Ela é chamada a uma participação ativa e a uma contribuição constante e permanente. Ao mesmo tempo a mulher vai sofrer as pressões, as marcas de uma sociedade estruturada em moldes tradicionais. E a sua participação no mercado de trabalho surge como que um acréscimo às suas funções domésticas. A mulher encontra-se diante de um dilema de papéis. Uma situação dualista. "para a trabalhadora recifense o exercício de atividades profissionais fora do lar não contribui para a sua liberação, mediante uma divisão de trabalho mais equitativa e funcional. Apesar de competir com os homens nos bancos, no comércio, na indústria e no serviço público, continua a mulher do Recife presa às lides caseiras, executando com freqüência, os mais diversos trabalhos necessários à manutenção e ao governo da casa".¹⁸ Surge o brutal conflito entre a aceitação de uma situação ambígua ou o violento corte com as fórmulas familiares patriarcais. A moral familiar tradicional condiciona a mulher a uma atitude submissa, passiva. Todo o processo de socialização feminina é orientado por esta rígi-

da moral patriarcal. E a menina, desde cedo, é educada no sentido de casar, ter filhos e se realizar unicamente como "rainha do lar".

Este processo educacional no momento atual vem sofrendo grandes modificações. Mas, infelizmente, ele ainda parece não acompanhar as mudanças culturais que se vêm operando tão rapidamente.

As gerações mais velhas foram imbuídas de uma mentalidade feminina quase anacrônica. Daí a dificuldade de uma rápida redefinição operacional nos valores impostos à mulher. Mas, como foi dito anteriormente, observa-se, no momento, uma grande tendência a modificações. Se não modificações, pelo menos boa vontade em encontrar soluções para problemas pertinentes. É claro que não se pode apagar, do dia para noite, todo este "background" cultural. Deixando de lado esta visão futurologista da modificação de uma moral patriarcal, voltemos ao exame da geração feminina atual.

O Nordeste brasileiro atravessa uma época de transição. Se a mulher ainda não possui uma situação de igualdade no campo profissional, a luta, entretanto, pela emancipação feminina vem se efetuando. É natural que nos países desenvolvidos esta igualdade caminhe mais rapidamente.

Historicamente falando, não parece ter havido no Brasil grandes lutas reivindicatórias femininas. O próprio direito do voto foi uma conquista lenta, gradativa. Mas, a mulher vai se enquadrando numa sociedade participante. E conflitos culturais surgem entre os condicionamentos que lhe foram impostos pela geração passada — através de uma socialização tradicional — e as novas exigências que lhe são feitas pela sociedade em que está inserida.

Estes conflitos gerados por um dualismo de padrões, irão conseqüentemente provocar fenômenos de desajustes. A sociedade aponta à mulher caminhos de uma realização pessoal. O trabalho feminino, fora do lar, é, sem dúvida, uma necessidade de a mulher se encontrar consigo mesma, dentro de uma valorização pessoal. É uma aspiração a uma realização como ser, de alguém que não somente existe, mas deseja, como diz Sartre, ultrapassar as barreiras de uma simples vivência física. Antes, a mulher era como que um ser gravitando em torno do homem. O impulso da mulher para uma vida profissional é uma expressão bem clara de sua necessidade de engajamento no mundo. Mas a estrutura social atual não fornece à mulher uma amplitude global de realização. O trabalho doméstico, os afazeres de esposa-mãe pesam-lhe como uma carga a mais na balança. Através de uma socialização defeituosa a mulher é induzida a aceitar este estereótipo feminino. Altamente motivada a assumir as solicitações do mundo moderno, a mulher recebe ao mesmo tempo uma avalanche de "funções" tradicionalmente femininas. Toda esta bilateralidade de papéis irá provocar, sem dúvida, uma situação conflitiva, de ansiedade, de frustração e até mesmo de sentimento de culpa.

Esta dualidade de "obrigações" existe como conseqüência de uma ideologia tradicional. Somente o impacto da força de uma nova ideologia poderá provocar um abalo no quadro de concepções e valores de uma geração: necessidade de um "reforçamento" no papel feminino em face às mudanças que se vêm operando. "Essa marcha da mulher em direção ao mundo tem sido, em muito, retardada pelo homem, o homem que espera da mulher o novo rendimento que a sociedade solicita dela, querendo contudo, consciente ou inconscientemente, mantê-la sob o jugo da submissão na condição de OBJETO".² A própria mulher cede diante da reação masculina, esmagando tentativas de emancipação que não estejam fundamentalmente estruturadas.

A luta pela redefinição dos valores femininos do ponto de vista masculino vem sendo muito lenta, o que prejudica largamente o objetivo da mulher. Ela sente-se desamparada e, ao mesmo tempo, culpada, muitas vezes esmorecendo ao meio do caminho e aceitando quase que passivamente esta ausência de equiparação de tarefas domésticas. A ambigüidade de papéis é um problema atual que aflige a mulher moderna nordestina.

A nossa posição é de que as mulheres das classes privilegiadas são as mais atingidas por este dilema dual de papéis, encarando a conscientização do seu EU como uma necessidade premente da sociedade moderna. Nesta faixa a mulher mais cônica de seu direito de se emancipar acarreta com maiores conflitos de ordem interna e externa. As razões de uma interiorização, de uma individualidade própria como fatores determinantes à sua realização de ser, provocam maiores desajustes nas mulheres mais liberadas economicamente. Na realidade, nas classes baixas, o sexo feminino ainda é impellido ao trabalho basicamente por necessidades financeiras, de aumento de renda familiar. Estas, pouco conscientes de suas condições de mulher, sofrem menos as conseqüências psico-sociais que acarretam o trabalho feminino fora do lar. Aceitam mais passivamente os encargos dualistas de uma sociedade ambivalente.

5 – O PODER DE COMUNICAÇÃO COMO FATOR DE MUDANÇA CULTURAL: A NOVA IMAGEM DA MULHER NAS TELENÓVELAS

"A cultura de massa provoca uma reviravolta completa no quadro dos valores culturais, acelerando todo um processo de mudanças na estrutura e no conteúdo das demais culturas então existentes".¹⁶

Vivemos o século considerado como o das Ciências da Informação. Surge "a era de uma nova mitologia cujo deus supremo é o veículo".³¹ Novas formas de difusão de informação aparecem capazes de transtornar o prestígio tradicional da imprensa. Sem dúvida alguma a era tecnológica provocou o aparecimento de meios capazes de uma comunicação de mas-

sa. Historicamente o fenômeno de comunicação sempre existiu. Voltando a um passado longínquo encontraremos um Sócrates, um Platão, um Cícero que iniciaram o estudo da retórica. O processo da comunicação vem sendo lentamente elaborado, mas não resta dúvida que, com a revolução eletrônica, através do aparecimento do rádio, do cinema, da televisão e de outros instrumentos que permitiram tornar muito rápida a transmissão de mensagens, as Ciências da informação se estabeleceram de maneira autônoma.

Como diz McLuhan os meios de comunicação são formas de extensão do próprio homem. O eminente canadense elabora uma teoria na qual toda a evolução cultural da humanidade estaria fundamentalmente baseada na maneira como os homens se comunicam. Assim, antes de Gutenberg ter inventado a escrita, o ouvido seria o órgão socialmente mais importante. Nas comunidades pré-letradas o ouvido representaria um papel tão relevante que o "ouvir" serviria de orientação social para as pessoas. Com o alfabeto, evidentemente, as coisas se modificaram.

Para McLuhan "todos os meios são prolongamentos de alguma faculdade humana — psíquica ou física".¹² Assim a roda é o prolongamento das pernas; o microfone da voz; a roupa da pele; a escrita da visão. O importante para ele não é a mensagem em si, mas a maneira de como esta mensagem é transmitida. Cada meio de comunicação agiria sobre determinado sentido e modelaria o cérebro de modo diferente. E McLuhan assinala que entramos, no século XX, na era da eletricidade. E a eletricidade seria o prolongamento do sistema nervoso.¹²

A comunicação é, na verdade, um fator tão importante no mundo atual que o próprio antropólogo Levy - Strauss chega a propor uma interpretação da sociedade através de uma "teoria da comunicação". É justamente neste enfoque interpretativo-social que orientamos o nosso trabalho. Ressaltamos aqui a função preponderante da comunicação como fator de mudanças culturais.

Vivemos numa época em que a propaganda, a televisão, o rádio e outros meios, arrastam verdadeiras multidões. Hoje, deixamos de lado uma série de produtos, simplesmente pelo poder que a propaganda exerce no homem. A televisão se encarrega de produzir aumento de necessidade. Essas necessidades criam novos hábitos e costumes.

Operam-se assim mudanças culturais numa velocidade galopante. Não há dúvida que McLuhan tem razão quando admite que o homem de hoje é orientado em todo seu processo cultural através dos meios de comunicação.

O indivíduo funciona como um receptor apto a ingerir mensagens. E desses injetores de mensagens, consideramos a televisão como sendo o

símbolo da nova revolução nos meios de comunicação. E, fatalmente, ela conduzirá a uma mudança cultural. A humanidade assiste, no momento, a todo um processo de socialização sendo envolvido pelos ditames da TV. O menino de hoje coloca-se diante de um aparelho de televisão quase que atônito, perplexo, indefeso. Ele recebe poder da mensagem e vai reagir, dentro de um clima onde se observa plenamente a influência categórica da televisão. Por isto, assistimos, a todo o momento, as nossas avós clamarem horrorizadas em face ao comportamento das crianças. E acusam a TV como a responsável pela mudança radical de valores na juventude atual. É claro que as nossas avós mostram-se unilaterais, quando assumem tal posição. Entretanto, não podemos deixar de lado, ou ignorar, o poder do "deus supremo" da televisão. E como diz McLuhan é para este mundo fascinante da TV que devemos ter os nossos olhos voltados, principalmente na medida em que a televisão cresce no Brasil. Dos 120 mil aparelhos receptores no ano de 1954 passamos para 3 milhões e 200 mil aparelhos em 1967. É um crescimento galopante que merece uma atenção especial.

6 – A TELENOVELA E A NOVA IMAGEM DA MULHER

A telenovela surgiu, por volta de 1964, como uma necessidade das emissoras sulistas (paulistas e cariocas), para superar os baixos índices de audiência. Teve o seu início com a novela o "Direito de Nascer" e, atualmente, lidera uma faixa de programação em todas as estações de TV. Está de tal maneira difundida que ela representa uma das principais fontes de lazer do povo brasileiro. Em pesquisa realizada em São Paulo, observa-se que a telenovela vem provocando mudanças de hábitos e costumes. Não se pode negar o seu valor como meio de comunicação de massa. A sua mensagem reflete-se na vida cotidiana. O público participa do drama de seus personagens com uma vivência autêntica. A telenovela funciona, sem dúvida alguma, como um fenômeno de "catarse coletiva" .¹⁶ É uma forma de alimentar sonhos imaginários do cidadão urbano. O homem participa do enredo da novela como uma forma de projeção de seus problemas. Ele consegue liberar as suas frustrações e alimentar os seus desejos irrealis. Todo folhetim possui uma dinâmica similar. Os maus são punidos e os bons recompensados. Isto provoca um tipo de fenômeno psicológico chamado "satisfação substitutiva". No mundo real, as coisas nem sempre correm como a gente quer. E o homem transfere para a telenovela o seu desejo de punição, de recompensa. O seu dia-a-dia vê-se gratificado no mundo imaginário da telenovela. O sucesso de uma novela está sempre ligado a uma fórmula padrão: sofrimento-final feliz. ¹⁶ É exatamente o desejo do homem em se redescobrir numa fórmula de felicidade.

Daí, quase que necessariamente a novela produz este happy-end. É o fenômeno de catarse bem evidente, bem caracterizado na fórmula telenovélica.

Analisando esta mensagem catártica da telenovela brasileira, observamos que os últimos folhetins da TV Globo, vem apresentando uma mutação na figura central feminina. Em "Fogo Sobre Terra", (novela das 8 horas), o personagem de Barbara se debate em grandes conflitos pessoais. Ao lado de toda a sua liberação como mulher emancipada, ela se sente, entretanto, angustiada diante dos conflitos impostos pela sociedade moderna. Uma forma de saturação dos novos valores. A sua vida é uma eterna busca de alguma coisa. Como arqueóloga, viajando pelo mundo conhece todas as principais cidades da civilização Ocidental. No entanto, o seu regresso é sempre revestido de um comportamento neurótico. Não bastam todas as facilidades que a vida lhe oferece em consequência de sua emancipação econômica e moral. Portadora de uma cegueira psicológica, Barbara luta por uma identificação consigo mesma. Num Rio de Janeiro conturbado pelo processo galopante de modernização, ela se sente sozinha, isolada, insegura. Enfim, a novela apresenta uma abordagem psico-social dos conflitos de uma mulher emancipada, sem preconceitos, mas vivendo numa eterna luta em busca de sua individualidade, do seu EU. Ao lado de todos os valores de uma era tecnicista ela vai ao encontro dos valores simples de uma comunidade rural. No princípio há toda uma relação conflituosa de papéis entre a mulher do mundo moderno e o choque dos novos valores tradicionais. Essa defasagem ideológica vai entretanto provocando uma tomada consciente de posição. Barbara termina aceitando toda a simplicidade do mundo rural em contraposição aos conceitos que lhe foram inculcados no seu processo de socialização. Seu personagem deixa bem claro transparecer uma saturação da mística urbana. Aceita o tradicional como solução de uma situação conflituosa, onde o moderno era determinado como valor supremo e básico de realização pessoal. E a novela termina mostrando o encontro consigo mesma de uma mulher que aparentemente neurótica, se identifica com a moral tradicional da comunidade rural em foco.

Casando com um homem do campo, simples e verdadeiro, Barbara reestrutura a sua personalidade num encontro coerente com os valores tradicionais.

Em "Escalada" (novela recente), vamos encontrar a temática idêntica. A mulher, personagem central, apresenta a mesma insegurança e angústia de Barbara. Marina é o reflexo da sociedade brasileira da década de 30. Rica, emancipada, dotada de beleza extraordinária, ela vive em sua redoma cultural. Não ama porque tem medo de criar elos. Foge de todas as situações verdadeiras e vive superficialmente o seu mundo. Na sua aparente segurança e equilíbrio ela repudia a necessidade de se entregar, de se dar. Nesta luta, Marina se surpreende quando se sente acorrentada sentimentalmente por um caipira. E vai se operando toda uma mudança na estrutura de sua personalidade. Levada para uma cidadela, no interior de São Paulo, Marina começa a se encontrar na simplicidade do homem rural. Os seus valores modernos parecem ser colocados de lado, como sendo os princi-

pais responsáveis pela sua situação conflituosa. Certamente vai se efetuando o encontro no seu EU, através da aceitação dos valores tradicionais. A novela ainda não atingiu o término, mas pelo encaminhar dos acontecimentos deixa claro que Marina vai encontrar no jagunço mineiro o homem que lhe proporcionará uma realização global de sua personalidade, através da introdução de novas fórmulas tradicionais de vida.

Este regresso da mulher aos valores simples, tradicionais, parece denotar exatamente a situação de conflito que o mundo moderno tem imposto ao sexo feminino. Diante de uma ambigüidade de padrões, de uma dualidade de papéis, a televisão brasileira começa a explorar a imagem da mulher retornando os valores tradicionais e se desligando totalmente das solicitações de um mundo tecnocrata. Sem dúvida, esta solução simplista levada ao vídeo pela TV, deixa claro, entretanto, a necessidade de uma reforma nos quadros femininos, a fim de evitar um comportamento desajustado e inseguro.

7 – CONCLUSÃO

De um modo geral a situação da mulher quanto à sua posição igualitária de direitos, ainda se encontra em fase de transição. Nos países desenvolvidos esta equiparação vem sendo feita mais rapidamente. No Brasil, e, particularmente, no Nordeste, nos deparamos com uma realidade bem distinta.

Os movimentos feministas começam a lutar por uma igualdade que, por enquanto, parece ainda utópica. Na verdade a mulher nordestina sofre as conseqüências de uma sociedade patriarcal. As tarefas domésticas lhe são tradicionalmente atribuídas. Há uma pré-elaboração de papéis. Enquanto a mulher sente-se atraída pelo trabalho profissional como medida de realização pessoal, encargos tradicionais pesam-lhe sobre a sua responsabilidade. E advém uma situação de conflitos de papel. O "machismo" nordestino, assim como o "marialvismo" português, são fatores determinantes na formação da família patriarcal. Esta dualidade de papéis, provocada por uma sociedade originária de uma estrutura patriarcal, irá conseqüentemente ocasionar na mulher uma situação de insegurança. Insegurança esta que se encontra bem arraigada na personalidade feminina. Chegamos mesmo a admitir que uma mulher casada, percebendo salário mais alto do que o marido, não consegue se livrar dos condicionamentos sócio-culturais que a rodeiam. E esta mulher, apesar de economicamente emancipada, não se encontra afetivamente liberada. O processo defeituoso de socialização lhe inculca uma ambigüidade de valores que vão necessariamente refletir-se na sua vida futura. A nossa posição é de que a mulher, vítima de uma educação pré-fabricada, ainda não conseguiu uma liberação emocional. Mesmo que racionalmente ela admita uma posição emancipada, a carga afetiva de valores ambíguos pesa-lhe fortemente. Uma relação de dependência do marido é observada, mesmo na mulher economicamente liberada. Salvo raras

exceções, o sexo feminino ainda se apóia no homem, no campo emocional. Esta situação de insegurança surge como conseqüência de um choque cultural de uma realidade nova. Desde cedo, a criança é mentalizada para um processo de dependência nos pais e posteriormente no marido.

Toda esta dependência sentimental sempre dirigida para a mulher irá ocasionar, futuramente, o aparecimento de personalidades conflitivas e inseguras. Daí talvez a nova imagem criada pela telenovela da mulher não adequada aos valores modernos, buscando uma realização na simplicidade da vida rural. Este processo de realização deverá, entretanto, não surgir de choque ou conflitos e sim de um trabalho educativo em moldes mais flexíveis.

Atualmente já se observa uma tentativa de reinterpretação de valores através de uma educação mais equiparada. Os papéis da mulher começam a ser reelaborados, sofrendo uma mutação de ideais. Possivelmente com o correr do tempo o processo de socialização tenderá a preparar a mulher a uma adequação global na vida moderna. E esta adequação faz-se urgente. O mundo de hoje exige uma reestruturação no lar através de um "amalgamento" de funções. Enquanto existirem delimitações pré-estabelecidas de papéis para a mulher, a sociedade sempre oferecerá um campo dualista ao sexo feminino. Porque o tradicional resiste, não sofrendo nenhum processo de reinterpretação, e o moderno se impõe como conseqüência do rápido fenômeno de urbanização. Faz-se necessário uma revisão nos valores existentes através de uma nova ideologia feminina que venha a adequar a mulher na sociedade dos dias de hoje.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 01 — BELTRÃO, Lins. *Sociedade de massas — comunicação e literatura*. Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1972, pág. 102.
- 02 — BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, s.d.
- 03 — BLAY, Eva Alterman. O trabalho feminino. *Cadernos Centro de Estudos Rurais e Urbanos*, São Paulo (6): 129-46, jun. 1973.
- 04 — CAVALCANTI, Zaide Maria Costa. A mulher na perspectiva do trabalho profissional. *Cadernos Região e Educação*, Recife, 5(10): 3-38, dez., 1965.
- 05 — FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala; formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. Recife, CEPE, 1970.

- 06 – FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos; decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano.** 2 ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1951. 3v.
- 07 – GAY, Ruth. A literatura do feminismo. *Diálogo*, Rio de Janeiro, 3(4): 39-44, out./dez., 1970.
- 08 – HUNT, Morton M. Rumos da evolução feminina. *Diálogo*, Rio de Janeiro, 3(4):21-9, out./dez., 1970.
- 09 – LEVITAS, Glória. A antropologia das mulheres. *Diálogo*, Rio de Janeiro, 3(4):31-8, out. dez., 1970.
- 10 – MACHADO, Brasil Pinheiro. Modernização na abordagem histórica. *Cadernos Centro de Estudos Rurais e Urbanos*, São Paulo (5): 93-5, jun. 1972.
- 11 – MCLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensão do homem. São Paulo, Cultrix, 1964. pág. 403.
- 12 – _____. Os meios são as massa-gens. São Paulo, Record, 1970. 188p.
- 13 – MARTINS, Cyro. Perspectivas psicodinâmicas da feminilidade. *Cadernos Centro de Estudos Rurais e Urbanos*, São Paulo (6): 175-98, jun., 1973.
- 14 – MEAD, Margaret. Além do lar. *Diálogo*, Rio de Janeiro, 3(4): 5-11, out./dez., 1970.
- 15 – MEDINA, Carlos Alberto. Modernização e marginalização de populações. *Cadernos Centro de Estudos Rurais e Urbanos*, São Paulo (5): 85-91, jun. 1972.
- 16 – MELO, José Marques de. **Comunicação social; teoria e pesquisa.** Petrópolis, Ed. Vozes, 1970. 318 p.
- 17 – MORAIS, Vamberto. **A emancipação da mulher** (s.l.) Ed. Cital, 1968. pág. 223.
- 18 – MOURA, Maria Auxiliadora. **Participação da mulher no mercado de trabalho.** Recife, IJNPS, 1969. p.101.
- 19 – MOURA, Luiza. Conflitos de papel. *Boletim Interno do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais*, Recife, fev., 1973.
- 20 – NUNES, Fátima Sedas. **Ambigüidade da nova condição feminina.**

- Análise Social**, Lisboa, Gabinete de Investigações Sociais, 4(13): 313-15, 1966.
- 21 – POYARES, Walter Ramos. **Comunicação social e relações públicas**. Rio de Janeiro, Ed. Agir, 1970. pág. 212.
 - 22 – RABELLO, Sylvio. **Participação da mulher no mercado de trabalho**. Recife, IJNPS, 1969. pág. 149.
 - 23 – SÁ, Irene Tavares de. A condição da mulher. **Síntese Política, Econômica e Social**, Rio de Janeiro, 8(29): 24-31, jan./mar., 1966.
 - 24 – SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Aspectos gerais do problema da mulher. **Cadernos Centro de Estudos Rurais e Urbanos**, São Paulo (6):5-106, 1973.
 - 25 – SARAIVA, Terezinha. A mulher no processo do desenvolvimento. **Revista Comentário**, Rio de Janeiro, 13(51): 72-3, jul./out., 1972.
 - 26 – SIMÃO, Azis. Tradicionalismo e modernidade numa perspectiva de desenvolvimento. **Cadernos Centro de Estudos Rurais e Urbanos**. São Paulo (5):97-100, jun., 1972.
 - 27 – SOLOMON, Barbara Miller. A esfera adequada à mulher, **Diálogo**, Rio de Janeiro, 4(4):131-4, out./dez., 1971.
 - 28 – SOUZA, Antonia de. **O mercado do trabalho e a mulher**. Lisboa, Ed. Arcaida, 1971, pág. 159.
 - 29 – STEINMANN, Anne & RAMOS, Edith. Percepção masculinas – femininas do papel feminino no Brasil. In. – **Arquivos brasileiros de psicologia aplicada**. 1975, pág.85-91
 - 30 – THOMPSON, James J. **Anatomia da comunicação**. Rio de Janeiro, Ed. Bloch, 1973. pág. 293
 - 31 – WRIGHT, Charles R. **Comunicação de massa**. Rio de Janeiro, Ed. Bloch, 1968.